

ARNALDO JABOR



DOMINGO, NO CADERNO 2-CULTURA: VERISSIMO, JOÃO UBALDO RIBEIRO E DANIEL PIZA

segunda-feira
MATTHEW SHIRTS

terça-feira
ARNALDO JABOR

quarta-feira
ROBERTO DAMATTA

quinta-feira
LUIS FERNANDO VERISSIMO

sexta-feira
IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

sábado
MARCELO RUBENS PAIVA

A arte deve ser a exaltação da vida

Ao apagar das luzes, fui ver a Bienal. Já tinha visto e fui de novo. E confirmei a primeira impressão. A sensação dominante é a de ruínas ou de despojos da civilização. Os trabalhos repetem os mesmos códigos e repertórios: terra arrasada, materiais brutos e sujos, desarmonia, assimetria, uma busca deliberada da feiúra, uma clara vergonha de ser "arte", vergonha de provocar sentimentos de prazer. A fruição poética é impedida, como se o prazer fosse uma coisa reacionária, "alienada", ignorando o "mal do mundo", que tem de ser esfregado na cara do espectador para que ele não esqueça o horror social e político que nos assola. É como se a própria arte fosse uma babaquice a ser evitada. Numa entrevista, uma das teóricas da arte contemporânea, Claire Bishop, diz na *Folha*: "Não defendo uma arte da transcendência. O paradigma romântico foi desmantelado no século 20, porque apresenta a arte como algo universal acima da realidade social e política."

Ou seja, a razão maior da arte, que é justamente esta, está jogada fora, em nome de uma "virada social da arte", uma racionalização criada para substituir a impotência política real. Fui andando pelo pavilhão maravilhoso do Niemeyer, pensando que o edifício modernista era superior a qualquer panfletinho ali exposto. Pensei que o império da sordidez mercantil, a ignorância

no poder, o fanatismo do terror, a boçalidade da indústria cultural, em suma, toda a tempestade de bosta que nos ronda está muito além do alcance crítico de qualquer "denúncia" artística. Não adianta mais "chocar" ninguém. Nada que haja na Bienal nos choca mais que uma explosão da discoteca onde morrem 300 jovens, nada é pior que homens-bomba ou a África ou a lama das favelas e periferias. Nada. A arte virou um parque temático de deprimidos, um muro de lamentações inúteis. Hoje, sobrou apenas a psicose como bandeira, a melancolia como "denúncia" de uma vida sem solução e a única crítica do mundo ocidental é feita pelos terroristas islâmicos.

Intelectuais e artistas vivem em pânico, pois seu reinado de sínteses se extinguiu. Os acontecimentos estão incompreensíveis e, no entanto, óbvios demais. Pipocam religiões e irracionismo autoritário que nos tragam alguma certeza, nem que seja a de chicotes em nossas costas, pedras em nossas cabeças ou guerras sangrentas que nos purifiquem.

Todas as reflexões filosóficas ficaram céticas, descrevendo impossibilidades e becos sem saída. Nunca imaginávamos que o século 21 seria parecido com o século 7º, quando Maomé se declarou o único profeta. Tropeçando em perigosas "instalações", pensei que a morte da "aura" da arte está



MARCOS MÖLLER

mais difícil de se aceitar do que pensávamos. Com a morte da arte, o artista se vê como um profeta abandonado, e ele mesmo passou a usar a luz da "aura", passou a ter "halo", como uma coroa de espinhos para sua solidão. O artista quer vi-

rar obra de arte. E tudo faz para esquecer seu abandono, mesmo que seja expor seus excessos numa latinha. E vemos que ele não abriu mão da representação, mas cultivava ao avesso da beleza, como uma doença favorita. Ele é a repre-

sentação, ele é a paisagem.

Acontece então que críticos e ensaístas sacanas, mas brilhantes como Brad Holland, por exemplo, vêem essa brecha teórica no ar e começam a destratar a arte em geral, com claros tons reacionários e, no caso do Holland, muito engraçados. Ele se refere ao beco sem saída da arte, que descrevo neste artigo-cabeça. Diz ele: "Tanto o dadaísmo como o surrealismo estão superados. É impossível distinguir esses movimentos estéticos da vida cotidiana." E depois: "Não há mais o que transgredir. Tudo foi assimilado. 'Estamos rompendo com as normas' é, hoje, o slogan do McDonald's". E a piada final, o "punch line": "Antigamente, o artista de vanguarda chocava a classe média; hoje, a classe média choca o artista de vanguarda."

Claro que essas piadas não resolvem o impasse. Claro também que os artistas contemporâneos não podem ignorar o horror do mundo e têm de acusar o golpe. Sim, mas mesmo em tempos terríveis, há que se buscar alguma transcendência, sem desistir da criação como esperança e vitalidade.

Depois da Bienal, entrei na exposição *Razes da Forma*, no MAM - SP, exibindo os principais trabalhos fundadores do Movimento Concreto anos 50 em São Paulo.

E, aqui, devo fazer uma auto-crítica: sempre impliquei com os concretos, desde minha ado-

lescência no Rio, talvez influenciado pela cisão entre cariocas e paulistas sobre arte, com a polémica entre concretos e neoconcretos do Rio, liderados por Ferreira Gullar. Mas, domingo, dentro do MAM, tive uma sensação de alívio, de paz.

Diante das obras lindas de Ivan Serpa (ele, um precursor livre), de Ligia Clark, de Oiticica (que me irritava desde as brigas com o Cinema Novo), Geraldo de Barros, Aluizio Carvão, Alexandre Wollner e outros, diante das formas puras, reencontrei-me com a transcendência, sim, ali, no concreto. Sim, a arte, que nos pacifica, eleva, nos silencia. E teve a certeza inapelável: a forma é tudo. Na forma está a verdade, muito mais que na gradaria de denúncias e conteúdos desperados como panfletos. No silêncio da forma a beleza nos espera, a esperança de sentido nos aplaca. Na beleza das formas organizadas, no desenho da razão está um sentido misterioso, mas imperioso para a vida. Lembrei-me então de uma frase de Stravinski: "A obra de arte deve ser exultante." E entendi que desistir da beleza é uma confissão de derrota, é legítimar os inimigos.

E só então, 50 anos depois, apaixonei-me pelos concretos de São Paulo, liderados pelos irmãos Campos e Pignatari, eu que já os tinha chamado de "mata-mosquitos da cultura", no passado. Desculpeme, hoje, 50 anos depois. ●

Fotografia Lançamento:

A pendular vida de Otto Stupakoff num livro

O fotógrafo, que fez a primeira foto de moda do Brasil, ganha edição luxuosa

Antonio Gonçalves Filho

Otto Stupakoff vive como uma bússola enlouquecida. Já dormiu nos melhores e mais luxuosos hotéis do mundo e também nos piores mofuás. Já jantou na casa de Yves Saint-Laurent, mas também comeu o pão que o diabo amassou. Já fotografou grandes estrelas como Katherine Ross, assim como anônimos vietnamitas massacrados nos anos 1960. Em síntese: a carreira pendular do fotógrafo paulista Otto Stupakoff já o levou ao horror e à beleza em seu estado puro. Foi o primeiro profissional a fotografar uma modelo brasileira num tempo em que a palavra moda nem era balbuciada no Brasil. Por tudo isso, Otto Stupakoff está sendo homenageado com um livro que conta sua carreira pela editora Cosac Naify, coordenado pelos editores Charles Cosac e Augusto Massi. O lançamento de *Otto Stupakoff* (192 págs., R\$ 75) será hoje, às 19h30, na Pequena Galeria 18 (Av. Atlântica, 1.782), no Rio.

O livro, organizado pela editora em co-edição com a Pequena Galeria 18 e o Instituto Nacional de Moda e Design (in-Mod), resume meio século de carreira do fotógrafo que, aos 71 anos, decidiu voltar ao Brasil após 40 anos rodando pelo mundo. É o segundo publicado este ano. Em março, ele lançou pela edito-

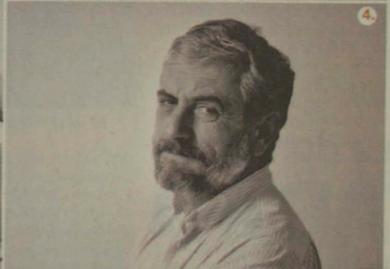
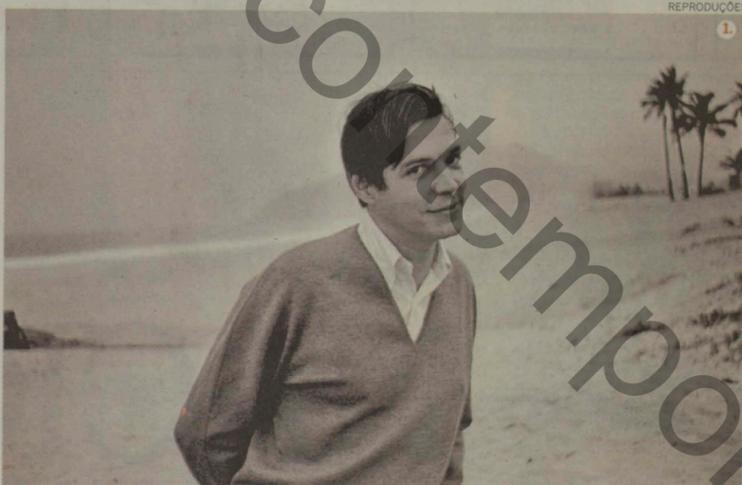
ra HarperCollins & Reagan Books, de Nova York, *Rioerótico - a Fotografia Sensual de Otto Stupakoff*. Do assunto ele entende bem. Stupakoff registrou o ano zero da bossa nova, a transformação de um Brasil arcaico, que cantava grosso, num país moderno e industrializado que se escandalizava com o biquíni e a voz suave de João Gilberto.

Por falar em biquíni, foi nessa época que ele conheceu a pioneira garota de Ipanema Duda Cavalcanti, que andava pelas praias cariocas com uma dessas peças minúsculas presa com um cinto de caubói. É justamente Duda a personagem da primeira foto de moda do Brasil, feita no crepúsculo dos anos 1950. Ela aparece vestida por Denner na casa de Heitor de Prazeres. Isso num tempo em

ELE FOTOGRAFOU TOM STOPPARD E OUTROS GIGANTES NO INÍCIO DE CARREIRA

que modelo era chamada de ma-nequim e Alceu Penna desenhou figurinos para *O Cruzeiro*.

Toda essa história Otto conta na entrevista concedida ao organizador do livro, Rubens Fernandes Júnior, ao diretor editorial da Cosac Naify, Augusto Massi, e ao jornalista Álvaro



1. O compositor Tom Jobim em 1957, no marco zero da bossa nova 2. Lauren Hutton fotografada em Nova York, há 21 anos, quando filmava *Once Bitten* 3. Crianças registradas em 1970 4. Retrato do fotógrafo

Machado. Além de revelar sua filiação estética, que deve muito a pintores como Balthus, o fotógrafo relembra sua amizade com outros grandes profissionais da área (entre eles Diane Arbus) e as broncas que levava da falecida editora de arte carioca Bea Feitler quando essa

era diretora da Harper's Bazaar. Com Bea, Otto aprendeu sua lição fundamental: recusar um trabalho quando não sente nada em relação a ele.

Como dizem seus modelos, Otto tem um olhar que cativa, e isso talvez explique o retrato mais doce de Antonio Carlos Jo-

bim que um fotógrafo fez quando a bossa nova estava no berço, em 1957, reproduzida nesta página. Ou o despojamento de Jack Nicholson, flagrado em 1972 quando era apenas um ator que rodava filmes de baixo orçamento com seu amigo Bob Rafelson (naquele ano, ambos



CAPA - Auto-retrato em NY, 1967

filmavam *O Dia dos Loucos* / *The King of Marvin Gardens*). E o que dizer da foto de Truman Capote com sua obsessão por pesos de papel, feita no ano (1970) em que o autor de *A Sangue Frio* amargava sua separação do parceiro Jack Dunphy? Só o sensível Otto Stupakoff para captar o olhar desiludido e o gesto inseguro de Capote ao segurar o peso de papel numa casa bem mobiliada e vazia.

O fotógrafo brasileiro passou grande parte de sua vida nos EUA, onde começou a estudar fotografia aos 17 anos. Conheceu personalidades, foi amigo de muitas (Carmen Miranda, entre elas) e até ensinou o coreógrafo e cineasta Bob Fosse (*Cabaret*) a preparar uma caipirinha. E, apesar de ter trabalhado por cinco anos para a *Vogue* (edições francesa, inglesa, italiana e alemã), fez questão de enveredar por outros caminhos além da moda, arriscando o pescoço para fotografar. Foi o caso, por exemplo, da sua detenção e de seu filho Bico nas selvas de Battambang por soldados do Khmer Rouge, quando fotografava o genocídio no Camboja.

Stupakoff não corresponde exatamente ao estereótipo do fotojornalista, mas suas aventuras o levaram quatro vezes ao Ártico. No Pólo Norte, aprendeu com um "inuit" a caçar focas com arpão. Ao mesmo tempo fotografou personalidades em início de carreira (anos 1970), entre elas o dramaturgo inglês Tom Stoppard (*Shakespeare Apaixonado*) e o compositor canadense Leonard Cohen (*Hallelujah*). Vida pendular é isso. ●